

## REQUIEM PARA FIDELINO DE FIGUEIREDO

TEMÍSTOCLES LINHARES

Logo após a morte de Fidelino de Figueiredo, a quem os brasileiros tanto devem em matéria de ensinamento literário, no sentido mais amplo da palavra, quem subscreve estas linhas se encontrava em Portugal. E sentado à mesa de um bar em Coimbra, travou com seu companheiro português de leituras o seguinte diálogo, entabulado com certa veemência, naturalmente sob o estímulo generoso de um velho porto:

— A morte de Fidelino de Figueiredo, ocorrida há poucos dias, me faz pensar — dizia eu então — no destino difícil sempre reservado a quem consagra a vida às coisas da inteligência. O seu caso é bem expressivo da triste sorte que nos espera a todos que nele víamos um irmão mais velho e um exemplo a seguir nas atividades docentes e na carreira das letras. Não é que a sua morte tenha passado despercebida ou não tenha sido carpada como devia. O lamentável sobretudo é que quase nada já se sabe do que fez Fidelino, do que êsse homem admirável ensinou ao mundo. E note-se que o que êle fez não se circunscreveu ao ambiente universitário em que passou grande parte de sua laboriosa vida, pois fôra dos que não se contentaram só com a ação pedagógica e viam no prolongamento da cátedra talvez a razão de ser fundamental de quem se reservou a tarefa de disseminar conhecimentos, transmitindo através do livro e do jornal o fruto de suas incessantes vigílias. E' preciso que desde logo se diga: não eram propriamente explicações científicas que êle ministrava. Era mais do que isso. Eram a visão do mundo, a interpretação e a estima dos valores estéticos e filosóficos. Talvez alguém diga que o seu mundo já não era o nosso. Mas só quem não tem a menor noção do que foi a sua capacidade de observação, de apreensão e reflexão, a riqueza do seu mundo interior, é que poderá cometer essa heresia. Resignado à situação de destroço inerte e inútil, para usar de anotação que êle de si mesmo cruelmente fazia, preso durante largos anos à sua

cadeira de hemiplégico, como era maravilhoso e estupendo nele o dom de se pôr em dia, de refazer as idéias e os conceitos, adaptando-se a cada nova fase da universal transitoriedade do homem, da soberania de sua inteligência!

— Realmente, tens razão. Portugal foi ingrato com êsse filho ilustre. Deixou-o ir-se embora, a vagar de universidade em universidade, de país em país. E o reverso da medalha qual foi? À ingratidão êle pagou-lhe com o amor, os seus olhos e as suas esperanças sempre voltados para êste Finisterra empedernido em que o destino nos colocou . . .

— Não falemos assim, em homenagem ao menos à sua memória. Portugal estava dentro dele. O amor enternecido que lhe devotava merece, creio, essa consideração.

— Desculpa. Já não penso assim. Nem êle o podia pensar quando lembrava a sua pobre vida em um de seus livros, tôda ela consumida na luta contra as sombras perseguidoras (e Portugal, sem dúvida, era uma delas), para poder construir embora alguma coisa que o frio da indiferença haveria de sepultar (e êsse frio de onde partia, senão de cá, de seu próprio torrão natal?) . . .

— O frio da indiferença é geral, não tem pátria.

— Mas o da pátria é que doi mais. E que a pátria lhe foi madrasta não pode haver dúvida. Basta dizer que Fidelino cá nunca passou de professor de liceu, a despeito de todos os esforços. Queres saber mais? Três tentativas falharam fragorosamente. E' verdade que elas partiram de amigos e de pessoas que bem o conheciam, a quem se afigurava inconcebível não lhe fosse dado lugar condigno na Universidade. Mas havia barreiras intransponíveis, altos segrêdos de Estado talvez.

— Tudo isso, porém, desaparece diante de seu fervor português, de seu gesto carinhoso, talvez ditado pelo sentimento de ter sido em terra alheia que mais se afirmaram e fizeram grandes os portugueses. E bem sabes a que gesto eu quero aludir.

— Presumo que seja ao de na hora final pensar em "morrer na sua terra, na sua casa, na sua cama" . . .

— E depois é preciso compreender que Fidelino sempre fôra dotado de curiosidade universal. Bem sabes quanto êle combateu o que chamava de "hermetismo nacionalista" dos pequenos países, tendente a virar a história do avêso, a confundir revisão dos juizos históricos com inversão do ritmo da história.

— De resto, um de seus objetivos foi bater-se sempre pela mais estreita solidariedade de Portugal com o mundo, afirmando com certa graça, mas sempre a falar sério, que o território nacional mais não tem sido do que um cais de embarque para, camoneanamente, o português repartir a alma em pedaços pelo mundo.

— Em outras palavras, como ainda dizia Antônio Prestes, “estranho no natural, natural no estranho.”

— Sim, mas acontece que nem sempre êsse cais dá passagem. Quantas vezes não tem sido alçada a ponte levadiça? Então, que fazia o português?

— Passeava o seu tédio pela longa práia, “vendo com melancolia, como diz Fidelino, os que passam ao longe, a percorrer de novo os velhos caminhos”. Para êle, na verdade, os compromissos com o passado que Portugal tem são sobretudo êsses. Em Fidelino, acentuemos, sempre foram claros os juízos sintéticos. E mais, tais juízos nunca foram organizados **a priori**.

— O notável nêle era a imaginação inspiradora, a intuição.

— E também a sua perseverança, a sua fé nas qualidades do homem, a sua curiosidade humana. Sabes quanto essas virtudes alcançam outra significação quando as associamos à vida que êle levou nestes últimos quinze anos. Não esqueço que muito discretamente lhe fôra dada a oportunidade de se comparar a um albatroz, ou antes a repetir a situação de um albatroz pousado sôbre o rebordo de uma falésia sobranceira a devorador abismo. A ave audaciosa sabia que ia morrer, porque tinha as asas quebradas e já mal respirava. Contudo, ela ainda sentia a sedução dos ares que percorrera altiva. Era bem o seu caso, sempre a erguer os olhos dominados pela tentação, a agitar as asas doloridas e impotentes. Embora as funduras abissais estivessem a adverti-lo da realidade fatal, nem assim deixava de levantar vôo, “um vôo periclitante e condenado, como se pensasse: cair por cair, antes de algum cume excelso e nobilitador!”

— Na verdade, a metáfora é válida apenas em parte. O albatroz chama muito a atenção e Fidelino se comprazia mais na obscuridade, no silêncio dos gabinetes e bibliotecas, com os livros por companheiros.

— Sim, de acôrdo. Êle sabia, com efeito, mais que qualquer sábio acadêmico encanecido, coroado de louros universitários — êsses louros que êle também alcançou, mas só no estrangeiro, como disseste — e isso por quê? Porque também amou e sofreu como qualquer mortal e, na hora da meditação, procurou aferir a realidade vivida com os livros lidos ou a sabedoria digerida longamente, numa digestão de verdadeiro ruminante espiritual. Afinal de contas, por mais duros que lhe tenham transcorrido êsses longos e penosos últimos quinze anos de existência, nunca deixou de crer na fôrça que o homem traz dentro de si: a consciência. No dia em que os homens souberem dessa fôrça — êle o dizia a um reporter poucos dias antes de morrer —, surgirá uma espécie nova, conduzida por altos ideais éticos. A esperança no homem, nos valores humanos, essa nunca o deixou.

— O livro que deixou pronto e já em poder da editora Portugália é o mais eloquente testemunho disso.

— Que belo título, com efeito, o de **Paixão e Ressurreição do Homem!**

— Nada mais expressivo também de sua postura diante da vida, de sua ânsia de conhecimento, de seu desejo de penetrar na ordem universal, entrevista mais como panorama de encaideamentos de causações.

— O seu receio era de que a sua consciência se deixasse invadir pelas fôrças da superstição, do mêdo pânico, da negação de quanto parecesse racional. Seria o regresso a um estado de involução, como o designado por Comte de teológico, mas mais grave, por ter sentido contrário, "francamente, cìnicamente contrário", como êle dizia, ao achar que a vida coletiva não pode parar. Quereis um exemplo? — parecia interrogar-nos. E logo respondia: Aí está "o fenômeno da estagnação intelectual operada metòdicamente pelas ditaduras imobilistas posteriores às duas grandes guerras: para se defender da anquilose mortal produzida pela imobilidade, os povos tomam decisivamente o caminho retrógrado, no único sentido possível, como as raízes das árvores vigorosas, que teimam em viver e crescer para onde podem, à procura de humidade." Então, que é que acontece? E' Fidelino ainda quem responde: "a transigência da verdadeira cultura perante a falsa ou a anticultura, para poder viver disfarçada."

— O que mais o preocupava justamente era o lado humano e experiencial das conquistas da consciência.

— A grande vitória está em se poder considerar tais conquistas para sempre incorporadas à consciência, como o hábito de andar sôbre dois pés dos seres humanos, antes animais quadrúpedes, orelhudos e peludos. E de que tantas sobrevivências ainda restam — ainda arrisquei, olhando fixamente para meu amigo.

— Já sei. Não perdes vaza. As minhas barbas, não é? Mas eu agora não estou disposto a aturar-te. Ah? essas brincadeiras como confrangem! Não as suporto, não.

E, inesperadamente, deixou-me sozinho no bar, sem tempo sequer de dizer palavra. Então, ingerindo calmamente outro gole do generoso porto, ainda cheguei a pensar: Fidelino está na sua obra, felizmente. E esta o lembrará, lembrará a sua vida cumprida em plenitude.

## II

Passados alguns dias, houve novo encontro. Sem embaraço nem constrangimento algum, desta vez quem se chegou fui eu, para retomar a conversa interrompida e interrogar meu amigo:

— Já leste o último livro de Fidelino, saído há dias?

— O **Paixão e Ressurreição do Homem**, da Portugália? Então não havia de ler?!

— E' que cá em Portugal nunca lhe fizestes a devida justiça . . . — acrescentei meio timidamente.

— Agora, não. Muitas homenagens póstumas já lhe foram tributadas, mas a verdade é que sempre o respeitámos. Ninguém falava a seu propósito, pouco se dizia dos seus livros, concordo. Qualquer coisa de intangível, porém, imergia de sua forte personalidade. Não dizer nada, no caso, já significava muita coisa. Bem sabes quanto a maledicência exerce o seu imperialismo no mundo das letras . . .

— Na vida literária talvez. Não, está visto, entre os que se aplicam a interpretar, compreender e julgar, ansiosos de alargar os horizontes e localizar cada coisa no seu lugar. E' preciso particularizar bem as palavras.

— Quero referir-me ao silêncio respeitoso que o cercava, ao receio que se tinha de ferí-lo. Basta dizer que, com o nosso feitio polêmico, nunca o provocámos. E, como sabes, ainda andam por aí muitos Camilos ou sub-Camilos disfarçados.

— Na verdade, êle não perderia tempo com êsse vezo discutidor bem português, segundo insinuas, apesar de ser o mais português dos portugueses. Sendo sábio e erudito, era homem simples sobretudo. Adorava a simplicidade, ideal da verdadeira inteligência, que sempre procurou seguir, em busca da paz interior e da compreensão dos outros pela simpatia.

— Não sei, mas o certo é que tínhamos um pouco de medo dele. Talvez por o vermos sempre muito alto, num plano que não era o nosso.

— Êsse distanciamento, contudo, dele é que não partia, estou seguro. Ele se interessou por tudo, até pelo analfabeto cuja psicologia lhe mereceu algumas páginas ensaísticas primorosas. O seu valor econômico, o seu valor empírico . . . Lembro-me bem.

— Bem sei. Essas velhas páginas foram por êle próprio republicadas recentemente em **Idéias de Paz**, que contém ensaios realmente admiráveis.

— O mais importante é que tais ensaios não envelheceram. No entanto, êle era modesto. Queria apenas que o leitor não reconhecesse em suas "notas" nenhuma prioridade ou originalidade, mas sim alguma firmeza de ânimo através das flutuações emotivas e da virulência das modas ideológicas. Julgava-se também dotado da necessária isenção para emitir opinião sôbre as coisas portuguesas. Estas "encaradas à luz das idéias gerais, nunca em disposição partidária ou obstinadamente rebelde".

— Era um espírito superior, que ascendia à escala mais alta das inteligências.

— Mas descia ao âmago dos problemas de seu tempo, hás de convir. Quando propugnava o dever por parte do Estado de ministrar gratuitamente os vários graus de ensino, não o fazia para ser agradável aos pais de família, mas sim porque considerava a urgência de acudir à depressão da vida portuguesa pela ignorância das camadas inferiores e pela meia ignorância das superiores. Essa gratuidade — esclarecia —, nalguns graus do ensino acompanhada de obrigatoriedade, era uma medicina de urgência, semelhante às distribuições de pão, ao caldo da portaria dos conventos e às rações severas em tempo de fome, semelhante ainda às medidas discricionárias e ao fornecimento de drogas e material sanitário em tempo de epidemia. Como se vê, a prodigalidade seria transitória, como regime sanitário das epidemias e das fomes.

— Essa transitoriedade jamais chegou a existir em Portugal. E o resultado é o que se vê, com a percentagem de analfabetos ainda existente.

— Pena sem dúvida que mestre Fidelino pregasse no deserto. Mas êsse argumento era ainda por êle considerado pobre, diante da formulação, pelos sucessos, dos direitos novos da pessoa, os quais, depois de chegarem a uma altura nunca experimentada no decurso da história, viam em perigo as suas laboriosas conquistas. Pois previa já em 1939 estar latente uma nova Declaração dos Direitos do Homem. Era o tempo do advento da massa e da sua assimilação, como sabemos.

— Sonho utópico êsse, que êle, de resto, era o primeiro a reconhecer, porque o exercício de tais deveres por parte do Estado pressupunha uma concepção ética que ainda não conseguimos chegar a ter em Portugal.

— Todavia, em seu último livro, hás de concordar comigo, êle já não denotava o mesmo ardor. O professor de energia falava em seu "prolixo vegetar". O título mesmo do livro nem sempre corresponde ao seu conteúdo.

— Sim, o livro começa por se referir à duplicidade humana, como evidência, e ao círculo das limitações humanas, como outra evidência. As verdades duras também devem ser ditas. Muitos preconceitos ainda subsistem. E' preciso combatê-los. E o que o autor sustentava era que essa duplicidade de crime e inteligência não se verificava necessariamente em cada pessoa. Afirmava, sim, que ela se patenteava no comportamento histórico dos Estados, das culturas e das civilizações, assim como no convívio dessas coletivas unidades biológicas, sempre dominadas, paradoxalmente, por atributos superiores às peculiaridades individuais.

— E que dizes do sentimento de limitação inexorável ou de fim próximo que se incorpora à vigência da vida das espécies, embora na humana se haja conseguido prolongar inútilmente a velhice humilhante e decrépita?

— Outra verdade contra a qual não há remédio e que o autor já tinha analisado exaustivamente em **Símbolos & Mitos**, seu penúltimo livro. Quantas, com efeito, não são as idéias chamadas mestras, como a liberdade, a justiça, a fraternidade, a paz e tôdas que expressem aspirações ideais, simples inversões da constância da realidade invencível?

— Nesse caminho, êle ainda chegava a esta dedução, se não pessimista, pelo menos pouco lisongeira das virtualidades humanas: a de que tais idéias só subsistem quando sustentadas pela hipocrisia, "pois nas profundas do seu ser os homens comuns e não comuns sentem muito bem que a vida seria impossível com o predomínio de um só hemisfério da sua constituição dual — o de Zeus ou da ferocidade, que está na base da tal cadeia da vida e da morte, de que falam os zoólogos, inimigos da caça . . ."

— Côncio de tôdas essas limitações, o que interessava ao autor era reconstituir os trechos das contínuas linhas mestras da marcha de uma sociedade humana para um fim ou alvo, como êle mesmo dizia. "Reconstituir o concreto revolver episódico de guerras, convulsões e ditaduras, para submetê-lo à comparação crítica. E só assim teremos os tipos perenes do desenvolvimento pacífico." A sua idéia maior, afinal, nestes últimos tempos, era servir à causa da paz — o maior e mais agudo problema humano de hoje. E isso já é alguma coisa de muito importante, hás ainda de convir, companheiro.

Coimbra, 1967.